

## Visconde do Porto da Cruz: Um Estudioso da Cultura Madeirense

### Visconde do Porto da Cruz: A Scholar of Madeiran Culture

Sílvia Gomes<sup>1</sup>

#### Resumo

Este artigo tem como principal objetivo contribuir para o conhecimento de uma vertente da obra do Visconde do Porto da Cruz (1890-1962), no que concerne aos estudos relativos ao património cultural do arquipélago da Madeira.

Figura incontornável da sociedade e da cultura madeirenses do século XX, Alfredo de Freitas Branco, Visconde do Porto da Cruz (desde 1921), distinguiu-se como jornalista, publicista, escritor, folclorista e conferencista, revelando ainda múltiplas facetas em diferentes fases da sua vida. Como escritor, deixou um vasto legado, composto por textos de diferentes géneros literários e variadas temáticas. Como estudioso e profícuo promotor das suas raízes culturais, proferiu conferências e publicou estudos em periódicos, opúsculos e volume, contribuindo para preservar aspetos da memória cultural e identidade madeirense.

**Palavras-chave:** Visconde do Porto da Cruz; Cultura Popular; Património Cultural; Identidade; Madeira.

#### Abstract

The main objective of this article is to contribute to the knowledge of a part of the work of *Visconde do Porto da Cruz* (1890-1962), regarding the studies related to the cultural heritage of the Madeira archipelago.

An inescapable figure of the Madeiran society and culture of the 20<sup>th</sup> century, Alfredo de Freitas Branco, *Visconde do Porto da Cruz* (since 1921), has been distinguished as a journalist,

---

<sup>1</sup> Mestre em Gestão Cultural e licenciada em Ciências da Cultura pela Universidade da Madeira. Investigadora do CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Colaboradora no projeto *Aprender Madeira* (CLEPUL/APCA – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – Universidade de Lisboa / Agência de Promoção da Cultura Atlântica) na autoria de diversas entradas para o *Dicionário Enciclopédico da Madeira* (em preparação). Os seus principais interesses de investigação são a cultura, a sociedade e as tradições madeirenses. Contacto: [silvia.gms1@gmail.com](mailto:silvia.gms1@gmail.com).

publicist, writer, folklorist and lecturer, revealing many facets in different phases of his life. As a writer, he left a vast legacy, composed by texts from different literary genres and varied themes. As a scholar and prolific promoter of his cultural roots, he lectured and published studies in periodicals, opuscles and volume, helping to preserve aspects of Madeiran identity and cultural memory.

**Keywords:** *Visconde do Porto da Cruz*; Popular Culture; Cultural Heritage; Identity; Madeira.

## Breve Perfil Biográfico

Alfredo António de Freitas Branco nasceu no Funchal, a 1 de janeiro de 1890, onde também veio a falecer, a 28 de fevereiro de 1962. Descendente de ilustres famílias madeirenses, filho de Luís Vicente de Freitas Branco e de D. Ana Augusta de Castro Leal Freitas Branco, cedo afirmou as suas convicções monárquicas, que o levariam a adotar o título de Visconde do Porto da Cruz, pertencente ao seu bisavô materno, e pelo qual ficaria conhecido<sup>2</sup>.

Viveu a maior parte da sua vida entre a Madeira e Lisboa e conviveu com distintas personalidades, que o inspiraram a seguir diversas causas e ideais, em diferentes fases da sua existência, pelo que acabaria por revelar múltiplas facetas: foi monárquico, integralista, antissemita, regionalista, nacionalista, fascista, nacional-sindicalista e germanófilo.

Saiu da Madeira muito jovem, aos 11 anos, rumo a Lisboa, para estudar no Colégio de Campolide, dirigido por Jesuítas. Contudo, por motivo de doença, regressou à Ilha, pouco tempo depois, onde terminou o Curso do Liceu. Mais tarde, fez o Curso das Alfândegas, frequentou o Curso de Direito, na Faculdade de Direito de Lisboa, que não concluiu, e ainda concorreu à Escola de Guerra.

Em 1910, Alfredo de Freitas Branco testemunhou o fim da Monarquia Constitucional portuguesa e conseqüente Implantação da República, acontecimentos que iriam alterar o rumo da sua vida, devido às suas opções políticas. Desde logo abraçou a Causa Monárquica, envolvendo-se em conspirações, junto com outros camaradas que, como ele, ambicionavam a restauração do regime anterior. Porém, teve de abandonar o país, na condição de exilado, devido ao clima de insegurança que então sentiam os monárquicos. Partiu primeiro para Espanha e, a partir da Galiza, ingressou nas hostes lideradas por

---

<sup>2</sup> O título de Visconde do Porto da Cruz foi atribuído a Alfredo de Freitas Branco, em Abril de 1921, legalmente autorizado por D. Manuel II, no exílio, e reconhecido pelo Conselho da Nobreza em 1950. O título pertencia ao seu bisavô materno, Valentim de Freitas Leal, conforme afirmou o próprio Alfredo de Freitas Branco nos 2.º e 3.º vols. de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* (1950 e 1953). Cf. PORTO DA CRUZ, 1950, *Notas e Comentários* [...], p. 22 e PORTO DA CRUZ, 1953, *Notas e Comentários* [...], p. 24 e p. [331].

Henrique de Paiva Couceiro (1861-1944), participando nas incursões de 1911-1912. No entanto, após a derrota no combate de Chaves, a 8 de julho de 1912, foi forçado a sair de Espanha, acabando por refugiar-se em França, vivendo exilado em Paris, até 1914.

O seu regresso a Portugal, após a amnistia concedida pela República, sucedeu pouco antes do início da Primeira Grande Guerra. Chegou à ilha da Madeira em junho de 1914 e dedicou-se à escrita e ao jornalismo, antes de partir para a capital, para prosseguir os estudos no curso de Direito, na Universidade de Lisboa. A partir de então colaborou assiduamente na imprensa periódica, como redator, diretor e fundador de jornais e revistas, entre os quais, *O Realista*, *A Monarquia*, *Diário da Madeira*, *Independência*, *O Jornal* e muitos outros, publicando inúmeros textos, de temas diversos, de interesse social, político, literário e cultural. Aliás, a imprensa seria mesmo o seu principal instrumento de intervenção pública, através da qual debateu-se pelas convicções e ideologias que foi abraçando, ao longo da vida.

Com efeito, começou por aderir ao Integralismo Lusitano, contribuindo na formação e propagação daquele movimento doutrinário (que passaria a ser também político). Em 1918, encantou-se pela figura de Sidónio Pais, tornando-se um dos seus mais fervorosos apoiantes, tendo sido um dos homens a prender o assassino do 'Presidente-Rei' (como lhe chamou Fernando Pessoa). Frequentava, então, o curso de oficial na Escola de Guerra, da qual viria a ser demitido, no ano seguinte (a 29 de Maio de 1919), devido ao seu envolvimento na formação de Juntas Militares, para defesa do regime edificado pelo malogrado presidente. Anos mais tarde chegou, até, a dedicar-lhe um livro, intitulado *Paixão e morte de Sidónio* (1928).

Depois do fracasso das Juntas Militares participou em várias conspirações monárquicas para derrubar o regime republicano, que fracassaram. Mais tarde, participou ativamente no movimento militar de 28 de maio de 1926, que pôs termo à Primeira República e, em 1931, durante a Revolta da Madeira, prestou auxílio às forças salazaristas, no restabelecimento da ordem no Funchal. Todavia, acabou por se afastar da política devido ao desencanto que manifestou, pelo rumo que seguiu o Estado Novo, embora a sua desilusão nada tivesse a ver com a figura de Salazar, que admirava, e a quem dedicou a obra *Olhando o passado... considerando o futuro* (1949).

O Visconde do Porto da Cruz foi partidário de regimes ditatoriais, fascistas e nacional-socialistas, como os regimes de Mussolini (Itália) e de Hitler (Alemanha), chegando a abraçar, em 1933, o movimento do Nacional-Sindicalismo, dirigido por Francisco Rolão Preto (1893-1977). Afirmou-se um grande admirador da Alemanha e esteve, durante a Segunda Guerra Mundial, ao serviço daquele país, proferindo palestras radiofónicas na Emissora de Berlim, sob o título "Pontos nos ii", através das quais procurou transmitir uma propaganda favorável do governo alemão, aos falantes

de língua portuguesa. Nos últimos anos da sua vida, na década de 1950, também proferiu algumas palestras radiofónicas, na Estação Rádio Madeira, de teor social, intituladas "Comentários ao acaso...". Naquela derradeira etapa da sua vida, reuniu ainda diversos estudos acerca das tradições e folclore madeirense, publicados anos antes, na imprensa periódica, editando-os em opúsculos e em volume.

Do seu legado literário fazem parte obras de diferentes géneros, entre os quais, romances, novelas, contos, teatro, biografias, memórias, política, etnografia e vários estudos de interesse económico, social e cultural relacionados com o arquipélago da Madeira. Pertenceu a várias associações culturais, como a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a Sociedade de História, Arqueologia e Etnografia, a Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas, entre outras.

### **Estudos da Cultura Popular Madeirense**

O Visconde do Porto da Cruz dedicou grande parte da sua vida à investigação do folclore madeirense, recolhendo elementos etnográficos e registando diversas manifestações culturais do povo, nos seus usos e costumes, nas lendas, nas crenças e superstições, nas danças, nas músicas, no traje, na medicina popular e na culinária.

Foi um profícuo promotor da cultura madeirense, tendo dado a conhecer as suas raízes culturais em conferências, e publicado vários estudos de teor etnográfico, na imprensa periódica, em opúsculos e em volume.

Na verdade, cedo manifestou interesse pelo estudo dos costumes, do viver e do sentir islenho, sobretudo da população rural madeirense. Tudo indica que terá iniciado as suas pesquisas sobre o folclore do arquipélago da Madeira nas primeiras décadas do século XX, numa época em que, no país, evidenciava-se a ação de vários movimentos nacionalistas, cujas manifestações patrióticas incluíam o interesse pelas recolhas das tradições, pela defesa do património cultural e pela procura de um conjunto de referências no passado do povo português, que os identificasse como povo. Neste ambiente de exaltação nacional destaca-se a ação do Integralismo Lusitano, um movimento doutrinário (e político) que surgiu em Portugal, em 1914, através de um grupo de monárquicos, inspirados no nacionalismo francês de *Charles Maurras*, cujos elementos também revelavam interesse pela cultura popular do povo português. Entre os integralistas estava inserido Alfredo de Freitas Branco que, no âmbito da sua intensa atividade no seio do grupo, contribuiu com as suas recolhas etnográficas, para mostrar as tradições populares da sua região, valorizando as suas raízes culturais, de acordo com o que se estava a fazer no território nacional.

Assim, numa fase de intensa atividade na difusão dos princípios integralistas, sobretudo no período entre 1920 e 1930, Freitas Branco publicou na imprensa periódica, escreveu os seus primeiros livros e realizou diversas conferências, abordando assuntos diferenciados, de teor político, social e cultural. No que diz respeito aos estudos do folclore e da cultura popular, o jovem monárquico realizou três conferências em Lisboa, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, com os títulos: “Algumas lendas e alguns monumentos do arquipélago da Madeira” (1924); “Trovas e Cantigas madeirenses” (1924); e “Crendices e superstições e costumes do arquipélago da Madeira” (1930). Desta forma, promoveu fora da Ilha vários aspetos culturais da sua terra, contribuindo para dar a conhecer, a um público mais abrangente, uma vertente da cultura popular do arquipélago madeirense. Também foi publicando vários textos sobre as lendas, as crenças e as superstições madeirenses, na imprensa periódica, nomeadamente, na revista *Arqueologia e História* (1924), no *Diário de Notícias* (1927-1928), no *Independência* (1928), n’*O Jornal* (1929) e na revista *Ilustração Madeirense* (1929).

A partir da década de 30, continuou os seus trabalhos de recolha de elementos de âmbito folclórico e etnográfico, sobretudo com o surgimento do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), em 1933, um organismo ao serviço do Governo do Estado Novo. Saliente-se que o SPN tinha como missão, despertar no espírito dos portugueses, o interesse para os assuntos relacionados com a cultura popular, com as tradições, pelo que se procurava representar vários aspetos de um país rural, na demanda de uma identidade nacional. É neste quadro que se insere o interesse demonstrado pelo Visconde do Porto da Cruz, pelos temas de carácter etnográfico e folclórico, ocupando-se, nos anos seguintes, das recolhas da cultura popular do arquipélago madeirense, que ajudou a promover e a preservar. Neste sentido, entre 1936 e 1944, destacam-se as conferências proferidas em Lisboa, nas quais abordou as danças, as trovas e as músicas madeirenses, no Liceu Pedro Nunes (“Danças e Músicas”, em 1936) e na Casa da Madeira (“Trovas e Músicas”, em 1936 e “Danças madeirenses”, em 1944). Mais tarde, apresentou um estudo denominado “A Flora madeirense na medicina popular”, no I Congresso de Ciências Agronómicas, realizado em Lisboa, em 1943, e na I Conferência da Liga de Proteção à Natureza, organizada no Funchal, em 1950. Publicou ainda vários textos sobre a cultura popular madeirense nos periódicos *Arquivo Histórico da Madeira* (1931-1936), *Brotéria* (1935), *Das Artes e da História da Madeira* (suplemento de *O Jornal*, 1948-1949), *Revista Portuguesa* (1939-1958) e na revista *Das Artes e da História da Madeira* (1951-1962), abordando as lendas, as crenças e as superstições madeirenses, as danças, as trovas e cantigas, o traje, a culinária e a medicina popular madeirense.

Além dos textos de teor folclórico e etnográfico publicados em periódicos, editou os seus estudos em opúsculos, depois compilados no livro *Folclore Madeirense* (1955),

estruturado nos seguintes catorze capítulos: I – Lendas; II – Crendices e Superstições, III – Trovas e Cantigas; IV – Danças e Músicas; V – O Trajo; VI – Culinária e Doçarias; VII – A Medicina Popular e a Flora; VIII – A Fauna Terrestre; IX – A Fauna Marítima; X – Colombo no Arquipélago da Madeira; XI – A Imperatriz e a Princesa Imperial do Brasil na Madeira; XII – O Arquipélago da Madeira no Testamento do Infante; XIII – Indústrias Regionais; XIV – Monumentos.

Nestes textos sobressaem as tradições da sociedade madeirense, do século XX, sobretudo da população do meio rural. Na verdade, o Visconde do Porto da Cruz afirmou ter recolhido grande parte dos elementos etnográficos junto do povo, através da observação presencial, às quais agregou informações recebidas de amigos, entre os quais Alberto Artur Sarmiento (1878-1953) e Eduardo Antonino Pestana (1891-1963), que depois foi registando para legar às gerações vindouras.

De acordo com os seus estudos relativos à cultura popular, verifica-se que era essencialmente nos tempos de lazer, durante as festas religiosas e romarias, que o povo manifestava as suas tradições, revelando a sua essência, aquilo que os identificava enquanto comunidade. Os arraiais mencionados, realizados em várias localidades da ilha<sup>3</sup>, sempre muito concorridos, eram ocasiões que proporcionavam momentos de diversão e alegria. Os romeiros normalmente seguiam a pé, desde as suas habitações até o local onde se realizava a festa e, chegando ao arraial, divertiam-se pela noite fora. Muitas vezes, percorriam grandes distâncias, mas, ainda assim, ignoravam o cansaço da jornada, parando em diversos estabelecimentos comerciais para beber (as chamadas ‘vendas’). No decorrer daqueles eventos festivos, formavam-se vários grupos que cantavam e dançavam, muitas vezes «com o acompanhamento da “viola de arame”, do “rajão”, do “machete” e até por vezes do “braguinha” e da “gaita-de-foles”»<sup>4</sup>. Desta forma, o Visconde deu a conhecer uma vivência peculiar do povo, que inclui os típicos despiques, as trovas, as músicas e as danças características de várias freguesias da Madeira, das quais destaca «a cantiga fundamental [...] o *Xaramba*»<sup>5</sup>, definindo-a como «caracteristicamente regional, [da qual] partem as imensas variações, segundo a fantasia ou a habilidade dos executantes»<sup>6</sup>.

Quanto às danças populares, salienta-se a descrição de três géneros diferentes de danças características da Madeira: o *Passo de Romaria*, a *Ala-moda*, o *Bailhinho das*

---

<sup>3</sup> O Visconde indica como principais festas da Madeira «a «Senhora d’Agosto» no Monte, o «Senhor Jesus» em Ponta Delgada, o «Senhor dos Milagres» em Machico, o «Domingo do Senhor» no Caniço, o «Santo Amaro» em Santa Cruz e «São Pedro» na Ribeira Brava». Cf. PORTO DA CRUZ, 1954, *Trovas e cantigas* [...], pp. 17-18.

<sup>4</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 69.

<sup>5</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 69.

<sup>6</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 103.

*Camacheiras* e ainda uma dança típica da ilha do Porto Santo, o *Baile da meia volta*<sup>7</sup>. De realçar, nestes textos, os comentários do Visconde do Porto da Cruz relativos à indumentária dos romeiros, os quais, na sua opinião, deveriam usar os trajes antigos, nas danças. Com efeito, o Visconde realizou estudos acerca do traje típico, descrevendo a indumentária usada pelos madeirenses, desde os tempos da descoberta da Ilha até à sua época, procurando explicar as influências e evolução do traje regional. Assim, Porto da Cruz afirma que os trajes dos povoadores seriam semelhantes aos usados nas províncias de Portugal, embora a indumentária tenha sofrido alterações, para se adaptar ao clima da Madeira. O Visconde pondera ainda possíveis influências dos mouros, nos fatos dos homens, e nas cores vivas das saias das mulheres, por via das escravas mouras.

Ao longo dos séculos, os trajes foram apresentando alterações, como se pode constatar na seguinte observação do Visconde:

«[...] os Camponeses da Ilha da Madeira até chegarem aos típicos e tão conhecidos fatos dos «Vilões», primitivamente, em diversas regiões e por diversas épocas, mais ou menos recuadas, tiveram outro estilo de fatos, seguindo quanto possível o uso das regiões de Portugal Continental de onde provinham os Colonos ou Povoadores que vieram fixar-se nessas zonas»<sup>8</sup>.

Nos textos acerca da indumentária madeirense, apresenta algumas diferenças entre os trajes usados pelos homens e pelas mulheres, do campo e da cidade, e ainda entre as capitania de Machico e do Funchal. Na capitania de Machico, por exemplo, as mulheres usavam saias de cor uniforme, que mais tarde passaram a ter riscas verticais, em cores vivas, embora as saias com riscas, segundo indica, teriam surgido primeiro no Funchal. Relativamente ao meio urbano, de acordo com as observações do Visconde, as vestes foram revelando influências dos estrangeiros que chegavam ao Funchal, em oposição ao meio rural, onde o povo era mais apegado às tradições. Assim, na sua opinião, a vida cosmopolita e movimentada do Funchal estimulava outro tipo de indumentária, com mais luxo e elegância, onde a população era mais rica e nobre e, portanto, mais propensa a aceitar novas vestimentas, vindas do exterior. É neste sentido que critica as modas do seu tempo, por entender que estavam a estragar os trajes tradicionais. Desta forma, evidenciou um desencanto pelo desaparecimento do típico traje regional, embora felicitando a iniciativa, por volta de 1933, de Gastão de Deus Figueira (1896-1957), então presidente do Município do Funchal, por ter feito aprovar uma norma, que obrigava alguns profissionais a usarem trajes típicos como uniforme de trabalho, nomeadamente, as Floristas, os Boieiros, os Candeeiros e os Carreiros do Monte.

<sup>7</sup> Sobre estas danças veja-se, por exemplo, PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, pp. 102-108.

<sup>8</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 120.

O Visconde do Porto da Cruz observou que o povo madeirense era profundamente religioso, mas, ainda assim, não deixava de ter crenças e superstições, que acabavam por condicionar a sua vida. Numa abordagem a esta vertente da cultura popular, Porto da Cruz relata diversas experiências de muitos anónimos madeirenses, que cumpriam rituais para diversas situações que ocorriam no quotidiano, ou mesmo para curar algum mal-estar, enfermidade ou doença. Estas práticas consistiam em orações e rituais apropriados para casamentos e nascimentos, para conseguir um namoro, atrair felicidade e ter saúde ou resolver certas angústias, como os males de amor, de inveja e ciúmes. Verifica-se ainda que, frequentemente, o povo procurava as chamadas 'Mulheres de Virtudes', consideradas curandeiras, que tratavam de diversas aflições surgidas no dia-a-dia. Também em épocas específicas realizavam-se rituais próprios, como por altura das festas dos Santos Populares, sobretudo pelas raparigas solteiras, que desejavam conhecer o nome do futuro marido, e acreditavam em tais práticas. Entre os diversos ritos apresentados, atente-se ao seguinte exemplo:

«Nas festas de S.<sup>to</sup> António, S. João e São Pedro há grande reboição entre o povo da Madeira. «Ao repicar das Avé-Marias deitam sortes com os nomes dos pretendentes escritos em três papelinhos que enrolam e põem dentro de um copo com água e que benzem com alecrim, rezando ao mesmo tempo o «credo em cruz». Antes do romper do dia vão ver qual o papel que abriu e esse nome será daquele com quem casará»<sup>9</sup>.

O povo atribuía um significado a tudo: às flores, que poderiam representar sentimentos (uma rosa amarela, por exemplo, indicava infidelidade); aos dias da semana, que podiam ou não ser propícios para realizar determinadas tarefas (acreditava-se que o cabelo enfraquecia se fosse cortado à sexta-feira); entre muitas outras crenças – o que levaria o Visconde a afirmar que «em matéria de *bruxedos* não têm fim as superstições. A cada facto da vida, a cada gesto anda quase [sempre] ligada uma superstição»<sup>10</sup>.

O Visconde do Porto da Cruz também compilou narrativas da tradição oral madeirense, que foram transmitidas por gerações consecutivas, totalizando 17 lendas. Embora tenha garantido que as mesmas foram registadas de acordo com aquilo que ouviu diretamente da boca do povo, o Visconde, num estilo particular que caracteriza a sua escrita, intercala as narrativas com comentários, descrições da paisagem e das belezas naturais da ilha, críticas, denúncias e apelos para a necessidade de preservação do património cultural madeirense. A este respeito, poderá ser destacado, por exemplo, a lenda de Colombo, em cuja narração Porto da Cruz reprova a atitude dos

<sup>9</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 48 (itálico do autor).

<sup>10</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, pp. 59-60 (itálico do autor).

governantes, pelo desinteresse em preservar as residências (na Madeira e no Porto Santo), onde se acreditava ter vivido Cristóvão Colombo, acusando-os de destruição do seu património.

As narrativas coligidas, de temática diversificada, incluem lendas relacionadas com religião e história, lendas etiológicas e lendas de entidades míticas. Nas lendas de teor religioso, nomeadamente, nas da Capela das Almas, do Convento das Mercês, de Nossa Senhora do Monte e do Senhor dos Milagres, verifica-se que o povo procurava explicações divinas para justificar a construção de templos religiosos. De uma forma geral, as lendas cristãs estão relacionadas com a interferência de Nossa Senhora, de Cristo e de Santos na vida terrena, e referem-se divindades como o Senhor dos Milagres, a Virgem das Mercês, o Frei Pedro da Guarda, São Francisco e Nossa Senhora do Monte. Surgem também lendas cujos protagonistas estão ligados à História de Portugal, como é o caso das duas apresentadas relativas ao Rei D. Sebastião (a lenda da Espada de D. Sebastião e a lenda de Arguim) e outra dedicada a Cristóvão Colombo (a lenda de Colombo, narrada no Porto Santo).

Entre as lendas etiológicas que coligiu, ou seja, aquelas que tentam explicar um nome, uma forma ou um fenómeno físico, sobressaem as lendas de Machim, da Ribeira das Cales e a lenda da Cidade Encantada. Relativamente à de Machim, na qual a tradição oral procurava a explicação para o nome de Machico, referindo-se aos dois amantes Robert Machim e Ana d'Arfet, saliente-se que o Visconde apresenta argumentos para a desmistificar, indicando a existência de documentos antigos, onde consta o nome *Monchico*, atribuído àquela capitania da Madeira. Destaca-se ainda as duras críticas apontadas ao Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira (1912-1963) que, segundo afirmou, procurou dar credibilidade à lenda de Machim, contrariando investigadores que tinham provas fundamentadas para a contestar.

Por fim, nas lendas que evocam entidades míticas, do maravilhoso popular, como o Diabo, fantasmas ou bruxas, incluem-se as seguintes: a lenda do *Cavalum*, que se refere ao aparecimento da imagem de Cristo Crucificado após a aluvião de 1803; a lenda do Cedro do Diabo, sobre um velho e secular cedro que provocava receio no povo, crente em feiticeiras e no diabo; a lenda da Furna do Negro, relacionada com um negro, que se acreditava ter sido engolido por um monstro, ao tentar descobrir a causa do mar entrar numa rocha; a lenda das Almas do Lombo dos Leais, que conta a história de um Morgado do Solar do Lombo dos Leais, sepultado longe dos familiares, assegurando-se que o som produzido pelas aves noturnas era a alma do fidalgo que ficara isolado dos outros; e a lenda do Bicho Cidrão, a propósito de um pastor que perdeu o seu cão, que morreu ao cair num abismo entre o Pico Cidrão e o Pico Ruivo, resultando daí a fantasia popular, que acreditava existir um espírito mau nesse sítio. Esta é também uma

oportunidade para o Visconde descrever e enaltecer a beleza das paisagens naturais do arquipélago da Madeira.

Relativamente à culinária madeirense, o Visconde do Porto da Cruz observou os hábitos alimentares dos seus conterrâneos, registando alguns alimentos consumidos no arquipélago e a forma como estes eram elaborados.

Nestes textos apresentam-se vários produtos presentes nas mesas da população insular, observando-se que era o milho o principal sustento dos pobres, habitualmente consumido em papa, frito ou mesmo frio, depois de cozido. Atente-se à descrição da preparação deste alimento:

«Numa peneira fazem a separação da farinha e do «farelo». Depois, põem numa panela de ferro seis litros de água e quando esta começa a amornar, pela acção do lume brando, deitam-lhe um «punhado» de sal e uma colher, das de sopa, de «banha».

«A água aquece ainda um pouco mais e então juntam-lhe um quilo de farinha de milho.

«Vão mexendo, sempre para o mesmo lado, para não criar «gudelhão» e só depois de ferver é que passam a dar uma «mexidela» de quando em vez. O cozimento do milho demora o mínimo de uma hora. É então que tiram a «papa» para os pratos e saboreiam-na quente»<sup>11</sup>.

Verifica-se uma predominância dos produtos agrícolas na alimentação dos madeirenses, sobretudo no meio rural. Os produtos provenientes da lavoura serviam de base para a elaboração de uma variedade de sopas, nomeadamente as sopas de couve, de abóbora-tenra, de abóbora amarela, de feijão, de boganga (podia ser substituída por pimpinela ou por papaia verde), de trigo e ainda a sopa de agrião, esta última considerada muito saudável, confeccionada com o agrião, abundante nas levadas e ribeiras da Madeira. Além das sopas, o Visconde descreve outro prato típico dos campos madeirenses, designado pelo povo como o «Comer»<sup>12</sup>, constituído por batatas, feijão, pimpinelas e maçarocas de milho, que iam a cozer ao mesmo tempo, na mesma panela.

As recolhas culinárias incluem também receitas populares de atum, cavalas, chicharros, lapas, caramujos, carne de vinho e alhos, espetada, bolo-do-caco e uma variedade de doces e sobremesas (bolo de mel, queijadas, fartos de batatada e de especiaria, bolo preto, morgados, pão de ló, broas e doces de uveira, de amoras, de goiaba, de figos, de gila, de pimpinela e de tomate inglês), entre outras iguarias típicas.

Salientamos um prato que era, segundo o Visconde, muito apreciado pelo povo, preparado com cagarras, umas aves marinhas que habitavam na Madeira, na Ponta de São Lourenço e nas Ilhas Desertas, Selvagens e Porto Santo. As aves eram capturadas entre os meses de Agosto a Outubro, por pescadores que se deslocavam às Ilhas

<sup>11</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. [125].

<sup>12</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 129.

Desertas e Selvagens, para ali recolher as aves, ainda nos ninhos: «As aves retiradas dos ninhos ainda antes de implumadas, são mortas, limpas, salgadas e secas ao sol»<sup>13</sup>. Depois de preparadas (lavadas em água quente, fritas e temperadas com vinho e alhos), as cagarras serviam de acompanhamento para a papa de milho.

Outro aspeto da cultura popular que despertou o interesse do Visconde do Porto da Cruz foi a chamada ‘medicina popular’, uma prática que consistia no uso de plantas para fins terapêuticos. Segundo indica nos textos, o povo acreditava no poder curativo das plantas e recorria à flora do arquipélago da Madeira para fabricar ‘remédios caseiros’, de forma artesanal, evitando consultar os médicos. Como estudioso e interessado nos costumes e saberes populares, o Visconde do Porto da Cruz procurou recolher elementos sobre a utilização das plantas pelo povo madeirense, dando depois a conhecê-los, através da realização de conferências, publicações em periódicos, separatas e volume, como já referido.

O Visconde apresenta, assim, um trabalho de pesquisa, indicando uma variedade de plantas encontradas na Madeira e respetivas aplicações terapêuticas para o tratamento de diversas situações, como indisposições ou doenças. Verifica-se que as plantas podiam ser aplicadas na sua forma natural, ou utilizadas em chás, infusões ou sumos, sendo que, por vezes, substituíam os fármacos indicados pelos médicos.

Apresenta, portanto, um conjunto de remédios populares obtidos na diversidade de plantas encontradas na ilha, por ordem alfabética, referindo primeiro o nome como estas eram conhecidas pelo povo, seguindo-se a designação científica. Sobre este aspeto, salienta-se o desabafo do Visconde que, para a realização do seu estudo, confessou ter sentido dificuldades na identificação das plantas, pois a designação usada na Madeira, não correspondia à denominação das mesmas noutros pontos do país.

Segundo o Visconde do Porto da Cruz, o povo, mesmo parecendo rude, «distinguia as características e as qualidades de cada planta»<sup>14</sup> e, mesmo sem formação médica, os populares reuniam saberes e práticas tradicionais sobre as doenças, sua cura e prevenção, que iam passando de geração em geração. Desta forma, o Visconde descreve alguns remédios caseiros usados por aqueles indivíduos, quando adoeciam, afirmando que acreditavam mais no poder curativo das plantas do que nos fármacos indicados pelos médicos. Estes últimos, de acordo com o texto, tinham pouco trabalho no meio rural, uma vez que o ‘Vilão’ procurava em primeiro lugar as «mulheres de virtude»<sup>15</sup>, que eram também consideradas curandeiras e boas massagistas.

---

<sup>13</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 131.

<sup>14</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 136.

<sup>15</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. [135].

Entre os conselhos para curar as várias doenças e outros problemas descritos, podemos encontrar, por exemplo, as mezinhas para combater a asma, aconselhando-se «[...] o uso do chá de *Poejos* [...] [ou] um cozimento com seis raminhos de *Funcho* [...], *Hortelã pimenta* [...], um pouco de excremento de pombos, umas colheres de açúcar, em duas chávenas de água»<sup>16</sup>. Encontram-se ainda receitas para problemas da bexiga (por exemplo, a linhaça, o espinheiro, o hipericão, o agrião, o aipo e o alho, usados em chás, infusões ou na sua forma natural); para combater o cancro; curar constipações; tratar diabetes; e muitas outras doenças que são indicadas neste seu estudo.

É curioso verificar que, além do uso das plantas com finalidade medicinal, há ainda indicações práticas para outras situações do quotidiano. À natureza, os populares também iam buscar plantas para afugentar moscas e mosquitos; obter narcóticos; remover nódoas; fazer iscas para a pesca; remover piolhos; combater pulgas; e obter perfumes para diversos fins. Também procuravam plantas para usos culinários, como para «tornar a carne tenra»<sup>17</sup> (por exemplo, envolvendo a carne, usando folhas de papaia) ou para colorir bolos (com sumo de agrião ou de alface). Aliás, para dar cor a diversos materiais como tecidos e madeiras, indica várias plantas, como o açafraão, o agrião, a alface, entre outras, através das quais obtinham diversas cores, como o amarelo, o azul, o vermelho e púrpura. Refere ainda alguns venenos presentes em certas plantas e que podiam ter efeitos mortais, dependendo da dose administrada, por exemplo, o chá de dedaleira.

Em suma, verificamos que o Visconde do Porto da Cruz cedo manifestou curiosidade pela cultura popular da Madeira e retratou quadros típicos do povo madeirense, que deu a conhecer a diferentes públicos, dentro e fora da Ilha, publicando diversos textos e participando em conferências. Contribuiu, assim, para o conhecimento de uma vertente da cultura, da sociedade e da identidade da sua terra, bem como para preservar uma parte da memória cultural insular.

## **Registos e Observações do Património Cultural Edificado**

Para além da cultura popular, o Visconde do Porto da Cruz revelou interesse pelo estudo do património cultural material da Madeira, nos seus monumentos e estatuária, tendo realizado diversas pesquisas, nas quais procurou identificar aqueles que considerava os principais monumentos do arquipélago. Entre os bens imóveis

---

<sup>16</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 141.

<sup>17</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 158.

inventariados encontram-se castelos, palácios, fortalezas, conventos, igrejas, capelas, cruzeiros, chafarizes e estatuária diversa.

Em 1924, apresentou uma comunicação, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, publicada no mesmo ano, sob o título “Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira”. Mais tarde, publicou outros trabalhos no semanário *Independência*, na revista *Ilustração Madeirense*, na revista *Das Artes e da História da Madeira* e no livro *Folclore Madeirense* (1955), contribuindo, assim, para o conhecimento de vários aspetos do património edificado madeirense.

Nos seus textos, o Visconde descreve, de forma concisa, alguns monumentos da Ilha e foca aspetos relativos à história dos mesmos. Por vezes refere o estado de conservação de alguns edifícios, onde sobressai uma atitude crítica, perante aquilo que considerava ser incúria das entidades competentes, alertando ainda para a necessidade da preservação do património material madeirense.

Relativamente aos templos e outros elementos religiosos considerados nos seus trabalhos encontram-se referências à Sé do Funchal, à Capela de Santa Catarina, à Capela de S. Paulo, à Igreja de Santa Clara, à Igreja de Machico, à Capela dos Varadouros, à Igreja de Santa Cruz e, em frente desta, o Cruzeiro dos Monizes, ao Monumento a Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta, e à Estátua do Cristo do Garajau.

Nos escritos acerca da Sé do Funchal, o Visconde descreve a Catedral madeirense, e refere a demora na sua edificação, iniciada em 1493, e só terminada em 1513, devido a dificuldades financeiras. Na sua opinião, o estilo manuelino daquele templo religioso não tinha a opulência de outros monumentos da época. Ainda assim, considerava a Sé um belo monumento, cujos interiores, com os seus motivos e relevos eram «verdadeiras obras de Arte»<sup>18</sup>. Contudo, tal não o impediu de criticar o «mau gosto [...] de cobrirem as soberbas colunas, de negras cantarias cuidadosamente buriladas, com uma pintura a óleo imitando os laivos raiados do mármore»<sup>19</sup>. Aliás, num estilo crítico que o caracterizava, escreveu diversas denúncias no semanário *Independência*, em defesa da Catedral do Funchal, ora apelando para que «em nome da Arte, da Estética, do bom gosto e do bom senso»<sup>20</sup> fossem ouvidas as reclamações, e retirados os postes da rede de telefones, antes que acontecesse algum imprevisto e viesse a torre ao chão, durante um temporal; ora protestando contra as roupas a secar, para o lado do mar, afirmando que iria continuar a contestar até «conseguir restitui-la à sua primitiva beleza,

---

<sup>18</sup> PORTO DA CRUZ, 1924, *Algumas lendas* [...], p. 15.

<sup>19</sup> PORTO DA CRUZ, 1924, *Algumas lendas* [...], p. 15.

<sup>20</sup> S.A., 1928, «Letras, Ciências & Artes», p. 2.

livrando-a de todos os parasitas, de todas as incrustações e barbaridades de que t[inha] sido vítima»<sup>21</sup>.

Já nas proximidades da Sé, no Largo do Chafariz, o Visconde refere o Chafariz ali existente, que outrora servia para abastecer água aos moradores e comerciantes da zona, o qual considerava «com pretensões de monumento, apesar da sua modéstia e falta de originalidade»<sup>22</sup>.

No que diz respeito aos castelos, palácios e fortalezas, Porto da Cruz apresenta o Castelo de S. João do Pico, a Fortaleza do Ilhéu e o Forte de S. Tiago, três construções filipinas; a Fortaleza e Palácio de S. Lourenço, onde, segundo indica, residiram os Capitães-Donatários do Funchal, descendentes de Zarco, numa época em que o Funchal teria sido assaltado por corsários franceses. Refere ainda o Palácio do Município do Funchal, que pertencera aos Condes de Carvalhal, mais tarde ampliado e remodelado, sob a presidência de Fernão de Ornelas, e menciona o Chafariz do Largo da Fortaleza, mandado construir também pelo mesmo governante.

Saliente-se as menções a monumentos demolidos, nomeadamente, o Convento das Mercês (destruído após a Implantação da República), do qual o Visconde guardava boas memórias de infância, quando visitava aquele mosteiro, sendo por isso, recordado com nostalgia. O Pilar de Banger foi outro marco demolido, cuja destruição reprovou, indignando-se por nada ter sido feito para preservar a sua história<sup>23</sup>. Evidencia-se ainda a alusão à casa de Cristóvão Colombo, na Ilha do Porto Santo, que estaria reduzida a ruínas, sendo então, aproveitada para uma modesta moradia; e a referência à Janela do Solar de Colombo no Funchal, uma janela gótica, que restara da casa de Colombo, demolida no século XIX. A janela teria sido adquirida por Harry Hinton, que a preservara na sua Quinta da Palmeira.

Relativamente às esculturas diversas existentes na Ilha, sobressaem as obras da autoria de Francisco Franco (1885-1955), seu amigo e conterrâneo. Com efeito, o Visconde refere as seguintes criações daquele escultor madeirense:

- ‘Monumento aos Mortos da *Surprise*’, feito em homenagem às vítimas do bombardeamento na baía do Funchal, a 3 de Dezembro de 1916, por um submarino alemão;
- ‘Monumento a Rocha Machado’, mandado construir pelos seus herdeiros;

---

<sup>21</sup> S.A., 1928, «A torre da Sé», p. 6.

<sup>22</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 283.

<sup>23</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, pp. 289-290. O Pilar de Banger, construído em 1789, pelo comerciante John Banger, e demolido em 1939, foi parcialmente reconstruído, em memória do antigo Pilar, após terem sido encontrados os seus alicerces, nas obras na Avenida do Mar, em 1990. Está situado nas proximidades da sua localização original.

- ‘Monumento alegórico à primeira travessia aérea Lisboa-Madeira, empreendida por Gago Coutinho e Sacadura Cabral’;
- ‘Estátua a João Gonçalves Zarco’, na Avenida Arriaga;
- ‘Busto ao 1.º Capitão Donatário do Funchal, Gonçalves Zarco’, no Terreiro da Luta;
- Estátua ‘O Semeador’.

Ainda no inventário às estátuas da Madeira, da autoria de diversos criadores, o Visconde menciona o ‘Busto do madeirense João Fernandes Vieira, o heroico libertador de Pernambuco’, inicialmente colocado em frente à Sé e depois transferido para o Jardim Municipal; o ‘Busto ao Conde de Canavial’ e a ‘Estátua ao Infante D. Henrique’, que considerou ser «uma estátua muito infeliz de um arquiteto de mau gosto»<sup>24</sup>, chegando mesmo a afirmar que o Infante merecia melhor, revelando-se, uma vez mais, crítico em relação às questões respeitantes ao património cultural do arquipélago.

O Visconde do Porto da Cruz revelou, em diversas ocasiões, um olhar crítico e atento a tudo o que ocorria no seu meio social, chegando até a envolver-se em polémicas com alguns coevos. Contudo, apesar de um feitio inconformista que assumiu, é fundamental evidenciar a sua faceta como estudioso da cultura madeirense, nas suas múltiplas vertentes, da cultura popular e imaterial ao património edificado. Neste sentido, é importante valorizar o contributo do Visconde do Porto da Cruz, na publicação de diversos textos de teor cultural, com o intuito de dar a conhecer e de preservar, para as gerações futuras, uma parte da herança cultural e da identidade madeirenses.

---

<sup>24</sup> PORTO DA CRUZ, 1955, *Folclore Madeirense*, p. 288.

Fotografia I – Alfredo António de Castro Teles de Menezes de Vasconcelos  
de Bettencourt de Freitas Branco, 1916-04-20



Fonte: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, Photographia Vicente, n.º inv. 20546.

## Fontes e Bibliografia

- Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, *Fundo Visconde do Porto da Cruz*, caixas 4-13.
- CLODE, Luís Peter, 1983, *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Séculos XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal.
- GOMES, Sílvia Gilberta, 2013, *Memória e Promoção Cultural Madeirense na Obra do Visconde do Porto da Cruz*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira.
- JANES, Emanuel, 1997, *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira nos anos trinta (1928-1926)*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- MARINO, Luís, 1959, *Musa Insular (Poetas da Madeira)*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- MATTOSO, José (dir.), 1993, *História de Portugal*, 8 vols., Lisboa, Círculo de Leitores.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do [Alfredo António de Castro Teles de Menezes de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco], 1917, *No Exílio – scenas da vida dos conspiradores monarchicos*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1924, *Algumas lendas e alguns monumentos do archipelago da Madeira*, Lisboa, Tip. do Comercio.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1928, *Paixão e morte de Sidónio*, Funchal, Tipografia Esperança.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1934, *Trovas e cantigas madeirenses*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1935, *A flora madeirense na medicina popular*, Lisboa, Sep. da Revista *Brotéria*, Série de Ciências Naturais, vol. IV, (XXXI), fascs. I, II, III e IV.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1946, *Danças madeirenses*, Lisboa, Studium de Comércio e Organizações Técnicas.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1949, *Olhando o passado... considerando o futuro*, [Funchal], ed. do autor.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1950, *A flora madeirense na medicina popular e na indústria – I Conferência da liga para a protecção da natureza*, Lisboa, Sep. das Publicações da Liga para a Protecção da Natureza, IV.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1950, *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira. II Volume 2.º Período: 1820-1910*. [Funchal], Câmara Municipal do Funchal.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1953, *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira. III Volume 3.º Período: 1910-1952*, [Funchal], Câmara Municipal do Funchal.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Memórias da Guerra na Alemanha*, [Aveiro], ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Crendices e Superstições do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Danças e músicas do arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Lendas do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Trovas e cantigas do arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *O Trajo do Arquipélago da Madeira*, s.l., ed. do autor.

PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1955, *Folclore Madeirense*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.

S.A., 1928, «Letras, Ciências & Artes», in *Independência*, n.º 22, p. 2.

S.A., 1928, «A torre da Sé», in *Independência*, n.º 25, p. 6.